

Saudação de Lula na abertura do XX Encontro do Foro de São Paulo (PORTUGUÊS E ESPANHOL)

“Companheiros e queridas companheiras, delegados e delegadas do Foro de São Paulo, queridos convidados e queridos participantes desse vigésimo encontro do Foro de São Paulo, que se realiza em La Paz, capital de nossa querida Bolívia.

Infelizmente, não posso estar aí para dar pessoalmente um abraço em cada um de vocês, mas quero transmitir de forma muito carinhosa minha saudação especial ao companheiro Evo Morales e aos companheiros do MAS. E os felicito pelas grandes transformações políticas, econômicas e sociais que promoveram na Bolívia.

Tenho certeza de que o povo boliviano reconhece estes avanços e que defenderá a sua continuidade no dia 12 de outubro, votando novamente em Evo para presidente e nos candidatos do MAS para o Senado e para a Câmara.

Nos próximos meses, também teremos uma eleição muito importante aqui no Brasil e esperamos também ganhar as eleições, mas acompanho com muita alegria o progresso do nosso Foro de São Paulo e quero cumprimentar em especial a minha querida companheira, Monica Valente, do Partido dos Trabalhadores do Brasil, pela condução da sua Secretaria Executiva.

Desde a realização de nosso primeiro encontro na cidade de São Paulo, o Foro cresceu e a América Latina e o Caribe passaram por transformações extraordinárias.

Lamentavelmente, alguns dos responsáveis por essas transformações, como o companheiro presidente Hugo Chávez e o companheiro Kirchner, não estão mais entre nós, mas o importante é que os legados que eles nos deixaram continuem florescendo.

Temos muitos problemas pela frente. A começar pela crise econômica mundial, que foi gerada nos países ricos, mas acaba prejudicando a todas as nações. Além disso, temos guerras cruéis e inaceitáveis em outras regiões do mundo.

E aqui no nosso continente, uma direita cada vez mais raivosa e antipopular que se opõe a qualquer avanço social e democrático.

É importante que aproveitemos momentos como o encontro do Foro, para debater de modo livre e fraterno, como continuar evoluindo e ampliando as conquistas.

Estou convencido de que um caminho importante para assegurar nossa soberania, nosso desenvolvimento e o progresso de nossos povos passa fundamentalmente pela integração da América Latina.

Conquistamos muito ao longo dos últimos anos, a evento do resgate do Mercosul e a construção de novos mecanismos de integração como a UNASUL e a CELAC.

Mas precisamos fazer muito mais. Criando nossas cadeias produtivas regionais, integrando nossa infraestrutura, articulando nossas políticas sociais e promovendo a integração política e

cultural dos nossos povos. Quando alcançarmos isso, teremos condições muito melhores para assegurar a plena emancipação dos nossos povos e o devido lugar da América Latina e do Caribe no mundo.

E poderemos contribuir de modo muito mais efetivo, para superar a miséria que ainda afeta grande parte da humanidade.

Oxalá, esse encontro do Foro de São Paulo faça avançar o debate da integração da mesma forma, que nos anos 90 foi decisivo para derrotar os governos neoliberais.

Desejo que vocês façam uma excelente reflexão coletiva e reitero a minha confiança no resultado desse vigésimo encontro.

Um abraço e bom encontro para todos vocês.”

Saludo de Lula al XX Encuentro del Foro de São Paulo

“Queridos compañeros y queridas compañeras, delegados y delegadas del Foro de São Paulo, queridos invitados y queridos participantes de este vigésimo encuentro del Foro de São Paulo, que se realiza en La Paz, capital de nuestra querida Bolivia.

Desafortunadamente, no puedo estar allí para darles personalmente un abrazo a cada uno de ustedes. Pero quiero transmitirles de forma muy cariñosa mi saludo especial al compañero Evo Morales y a los compañeros del MAS. Y los felicito por las grandes transformaciones políticas, económicas y sociales que han promovido en Bolivia.

Estoy seguro de que el pueblo boliviano reconoce estos avances y defenderá su continuidad el día 12 de octubre, votando nuevamente por Evo para presidente y por los candidatos del MAS para el Senado y Cámara de Diputados.

En los próximos meses, también tendremos elecciones muy importantes aquí en Brasil y esperamos también ganarlas.

Acompaño con mucha alegría el progreso de nuestro Foro de São Paulo y quiero saludar especialmente a mi querida compañera Mônica Valente, del Partido de los Trabajadores de Brasil, por la conducción de su Secretaría Ejecutiva.

Desde la realización de nuestro primer Encuentro en la ciudad de São Paulo, el Foro creció y América Latina y el Caribe han pasado por transformaciones extraordinarias.

Por infortunio, algunos de los responsables por esas transformaciones, como el compañero Hugo Chávez y el compañero Néstor Kirchner, ya no están entre nosotros, pero lo importante es que los legados que nos dejaron sigan floreciendo.

Tenemos muchos problemas por delante. Empezando por la crisis económica mundial, que fue generada en los países ricos, pero termina perjudicando a todas las naciones. Tenemos,

además, guerras crueles e inaceptables en otras regiones del mundo. Y aquí en nuestro continente, una derecha cada vez más rabiosa y antipopular que se opone a cualquier avance social y democrático.

Es importante que aprovechemos momentos como el del Encuentro del Foro para debatir de modo libre y fraterno la forma de seguir avanzando y ampliando las conquistas.

Estoy convencido de que un camino importante para asegurar nuestra soberanía, nuestro desarrollo y el progreso de nuestros pueblos pasa fundamentalmente por la integración de América Latina. Hemos conquistado mucho a lo largo de los últimos años, con el rescate del Mercosur y la construcción de nuevos mecanismos de integración, como la Unasur y la CELAC.

Pero debemos hacer mucho más, creando nuestras cadenas productivas regionales, integrando nuestra infraestructura, articulando nuestras políticas sociales y promoviendo la integración política y cultural de nuestros pueblos. Cuando logremos eso, contaremos con condiciones mucho mejores para asegurar la plena emancipación de nuestros pueblos y el debido lugar a América Latina y el Caribe en el mundo.

Y podremos contribuir de modo mucho más efectivo para superar la miseria que todavía afecta a gran parte de la humanidad.

Ojalá este encuentro del Foro de São Paulo haga avanzar el debate de la integración de la misma forma que en los años 90 fue decisivo para derrotar a los gobiernos neoliberales.

Deseo a ustedes que hagan una excelente reflexión colectiva y reitero mi confianza en el resultado de este vigésimo encuentro.

Un abrazo y buen encuentro para todos ustedes.”

Discurso do vice-presidente da Bolívia, Álvaro García Linera, na inauguração do XX Encontro do Foro de São Paulo (PORTGUÊS E ESPANHOL)

“Discurso do vice-presidente da Bolívia, Álvaro García Linera, na inauguração do XX Encontro do Foro de São Paulo, no centro de convenções Campo Ferial de La Paz.

Meus irmãos e minhas irmãs, muito bom dia! Uma saudação carinhosa, respeitosa, fraterna e revolucionária para cada uma das delegações de partidos políticos revolucionários de esquerda progressista que marcam presença aqui, vindos do nosso continente, da Europa, da Ásia. Sejam bem-vindos a esta pátria de gente simples, batalhadora, lutadora, insurgente e revolucionária que se chama Bolívia. Muito obrigado por estarem aqui.

(APLAUSOS)

Uma saudação para o grupo de trabalho que está aqui presente no palco. Quero destacar a presença de Mônica Valente, nossa secretária executiva do Foro de São Paulo. Companheiro Jorge Machado, companheiro Jacinto Suárez, companheiro Rodrigo Cabezas, companheira Nidia Díaz, cada vez mais jovem a companheira Nidia.

(APLAUSOS)

Saudações a meu companheiro Hugo Cabieces, a Fabián Solano, ao representante do governo chinês, aos embaixadores: à embaixadora da Venezuela, do Equador, do Uruguai, da Argentina e aos meus irmãos. À minha companheira Leo, que não se chama Leo de nascimento, mas sim pela batalha, de leoa, mulher lutadora, aguerrida, é um prazer estar a seu lado, minha companheira Leo.

(APLAUSOS)

Meus companheiros da executiva da COB (Central Operária Boliviana), meus companheiros petroleiros, meus companheiros interculturais. Companheiro Eber, nossas irmãs das Mulheres Interculturais. Santa Cruz, a Bolívia toda que está aqui presente: Beni, La Paz, Cochabamba, Oruro, Potosí, Chuquisaca, Pando.

(APLAUSOS)

Permitam-me inicialmente transmitir, de forma muito carinhosa, a saudação do nosso Presidente Evo, o “companheiro” Evo, que tem o Foro de São Paulo no coração e que manda uma saudação muito calorosa e fraterna para todas as delegações.

(APLAUSOS)

Há 24 anos, quando nasceu o Foro de São Paulo, o mundo em que vivíamos era outro. Derrubou-se diante de nossos olhos a União Soviética, impunha-se e consolidava-se um império e uma estrutura imperial unipolar sustentada pelo poderio econômico, ideológico e militar dos Estados Unidos. Eram os tempos de Reagan e Thatcher no mundo. Pelos meios de comunicação, pelas universidades, mesmo pelos meios sindicais, difundia-se uma ideologia

planetária, um modelo planetário chamado neoliberalismo, que começava a cavalgar pelo continente e pelo mundo de maneira aparentemente triunfal.

Falava-se então do chamado fim da história, a história aparentemente estava acabando, não havia mais nada a fazer, tínhamos que apagar as luzes e nos resignarmos ao império unipolar, ao neoliberalismo, às privatizações, ao consenso de Washington. Na nossa América, as coisas também não estavam fáceis: Cuba, heroica, resistente, isolada e suportando o bloqueio criminoso mais terrível da história da humanidade. Na Nicarágua perdíamos as eleições, chorávamos pela derrota. Em El Salvador entrávamos nos processos de paz e de acordos. No restante dos países da América Latina, desde Rio Bravo até a Patagônia, impunha-se o chamado modelo neoliberal, privatizavam-se empresas, entregavam-se recursos públicos acumulados durante décadas a investidores privados estrangeiros que chegavam em nossos países e desembarcavam como nos tempos de Colombo para se apropriar de tudo.

Passaram 24 anos e não resta dúvida de que hoje o mundo é muito diferente daquele que deu luz ao Foro de São Paulo. Mudou. As coisas e a estrutura, as deliberações e as lutas que desde então foram impulsionadas, deliberadas, propostas, não foram em vão. Hoje estamos assistindo, a 24 anos do nascimento do Foro, a uma lenta mas irreversível decadência do “hegemon norte-americano”, os Estados Unidos já não são a potência imperial dirigente do mundo. Continuam dominando, mas precisam fazê-lo usando suas canhoneiras, suas tropas especiais, seu intervencionismo brutal em cada uma das regiões.

China e Europa vão lhe tomando a liderança econômica. Não podemos falar ainda de um mundo multipolar, mas está claro que o “hegemon” exclusivo, onipotente e onipresente dos EUA, hoje já não é mais. Continua sendo dominante com base na força, mas já não com base na liderança, na convocatória e no seu poderio irrefutável no âmbito econômico. Existe uma espécie de proliferação de micropoderes regionais no mundo e na América Latina, como nunca antes havia acontecido na história de nossas formações nacionais. Estamos assistindo ao surgimento e proliferação de governos progressistas e revolucionários no continente.

Em pouco menos de 15 anos, o neoliberalismo na América Latina – com suas sequelas de privatização, de desconhecimento de direitos trabalhistas, de entrega de recursos públicos a estrangeiros, de submissão aos organismos financeiros do consenso de Washington, Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional – está sendo desmontado como nunca.

Hoje podemos dizer que surgiu de maneira genérica na América Latina um modelo pós-neoliberal. Falar de neoliberalismo na América Latina cada vez se assemelha mais a um arcaísmo; é quase como falar do parque jurássico. Há 15 anos, o neoliberalismo era a bíblia; hoje o neoliberalismo é um arcaísmo que estamos jogando na lixeira da história, de onde nunca deveria ter saído.

(APLAUSOS)

O mundo é outro, a história continua, a ideologia e o falso macro-relato do fim da história foi derrubado diante da emergência de lutas, de projetos, de insurgências que se expandiram ao longo de todo o continente.

Quero mencionar, a propósito desses acontecimentos, cinco conquistas e cinco tarefas para preservar, para aprofundar os processos revolucionários, não só no continente latino-americano, mas também na Europa, Ásia, África, no mundo todo. A primeira lição e a primeira conquista que eu gostaria de mencionar desta insurgência latino-americana, da democracia como método revolucionário, é a seguinte: até então tínhamos assumido a democracia como uma etapa suspeita prévia à revolução e tínhamos nos preparado para isso. As circunstâncias de ditadura e de dominação colonial haviam criado as condições para essa visualização da democracia meramente como uma etapa prévia de um processo superior chamado revolução.

O que a América Latina mostrou nesses 15 anos, nesses últimos 10 anos, é algo diferente, é que a democracia está se transformando e é possível transformá-la no meio e no espaço cultural da própria revolução, o que na Bolívia chamamos de revolução democrática.

Trata-se da transformação das faculdades de cidadania, dos direitos de pensamento, de associação, de organização, de mobilização, numa textura e numa rede que tem permitido que a totalidade dos governos revolucionários e progressistas da América Latina chegasse ao poder. Mas esta transformação da democracia em método revolucionário não chegou como uma mera apropriação do olhar mutilado, fragmentado, da democracia dos governos conservadores e neoliberais. O que ocorreu na América Latina foi uma apropriação social da democracia, como espaço propício para a hegemonia, a hegemonia entendida no sentido gramsciano de liderança intelectual, de liderança ideológica, de liderança política.

O que aconteceu na América Latina foi que a partir das lutas sociais, da emergência das lutas sociais urbanas e rurais, operárias e camponesas, indígenas e juvenis, populares, a democracia foi se transformando e enriquecendo seu conteúdo, fomos deixando para trás as democracias fósseis, as do ritual da eleição a cada quatro ou cinco anos. Em nossos países, onde triunfaram os governos revolucionários, houve uma transformação e um enriquecimento da democracia entendida como participação, entendida como radicalização, entendida como comunidade. Aqui a chamamos de democracia comunitária. Outros chamam de democracia participativa, cada país tem sua linguagem.

O importante é que, diante das democracias fósseis, nas que se entrincheiravam as forças conservadoras, foi a própria sociedade em movimento que recriou, reconstruiu, reinventou e aprofundou a democracia, como participação, como construção de identidade coletiva, como lugar de tomada de decisões cada vez mais socializada, cada vez mais comunitarizada.

Essa é a primeira lição, a democracia como método revolucionário, não simplesmente como etapa da revolução.

Uma segunda conquista desses 10 anos, desses 14, 15 anos de luta revolucionária, é a concepção da governabilidade e da legitimidade a partir de um conteúdo dual. Hoje as sociedades latino-americanas e os governos revolucionários conseguiram sua estabilidade e sua governabilidade não se apegando unicamente aos mecanismos da vitória eleitoral e dos mecanismos institucionais do Parlamento e do Executivo. O outro componente fundamental da governabilidade revolucionária vem da presença popular e da mobilização social nas ruas.

Não me engano ao dizer que as vitórias da esquerda latino-americana são fruto de processos de mobilização no âmbito cultural e ideológico, mas também no âmbito social e organizativo. O caso da Bolívia é isso, não se poderia entender a vitória de nosso Presidente Evo sem as lutas, sem a guerra da água, sem a guerra da coca, sem a guerra do gás, sem as mobilizações populares, que foram criando um tecido denso de participação, de mobilização social, que garantiu não apenas a vitória eleitoral mas também a estabilidade do governo revolucionário e a capacidade social para enfrentar as intencionalidades golpistas, as conspirações de direita que foram se sucedendo ao longo dos últimos anos.

Assim, a conquista do poder em nossos países pode ser vista como uma prolongação eleitoral da capacidade de mobilização e de resistência coletiva. A legitimidade de nossos governos vem então pela vitória eleitoral, mas também pela mobilização permanente e ação coletiva dos diferentes movimentos sociais. Na Bolívia isso se traduziu na existência de um governo de movimentos sociais; é assim que o chamamos.

Hoje no governo da Bolívia, mais do que um partido, mais do que o MAS, temos algo que quero ilustrar com uma linda frase do companheiro Damián Condori, da CSUTCB: “Nós, como confederação camponesa, não somos do MAS, o MAS é nossa criatura, é nosso filho”. E nesse sentido eles controlam a direção, o comando e as linhas estratégicas do partido.

(APLAUSOS)

Esta é uma contribuição continental, a organização social, as estruturas sociais diversas como força e como bloco de poder que se traduz eleitoralmente em partidos políticos, em organizações políticas que alcançam a vitória nas eleições.

O terceiro ganho desses 14 anos é o desmonte do neoliberalismo. Vemos, com pena, como nos países da Europa ainda prevalece essa ideologia e esse mecanismo de sucção das capacidades humanas para depositá-las num punhado de mãos privadas. Quando vemos as decisões que são tomadas na Grécia, na Itália, na Espanha, na França, já conhecemos o roteiro, porque o vivemos aqui dez ou vinte anos atrás: empobrecimento dos trabalhadores, enfraquecimento do Estado; enriquecimento de umas poucas empresas; perda de direitos. Tudo isso que ainda não acabou em alguns países e em algumas regiões do mundo, na América Latina nós estamos desmontando.

O que significa desmontar o modelo neoliberal e entrar no que se denominou pós-neoliberalismo? Em primeiro lugar, a recuperação de empresas estratégicas, aquelas empresas do Estado nas quais se gera o excedente econômico, porque se uma revolução não tiver excedente econômico, como vai poder consolidar sua liderança? A estabilidade não se mantém em meio à carência. É imprescindível um processo revolucionário contar com um excedente econômico capaz de gerar processos de distribuição.

O desmonte do neoliberalismo na Bolívia e na América Latina significou a recuperação de empresas estratégicas para que o Estado as controle. Em segundo lugar, a ampliação dos bens comuns, a ampliação dos recursos que pertencem a todos e não a uns poucos. Em terceiro lugar, a contínua redistribuição da riqueza: se o Estado há de concentrar o excedentes

fundamentais da riqueza de um país, não é para criar um novo empresariado, e sim para redistribuí-los entre o conjunto dos setores mais excluídos.

Reconstituição e ampliação dos direitos trabalhistas, desconhecidos em tempos neoliberais. Os processos pós-neoliberais na América Latina não significaram processos de autarquia e afastamento dos circuitos da economia mundial; a diferença é que agora a inserção na economia regional e mundial se faz de maneira seletiva e em função das necessidades de cada país, e não das necessidades de uma empresa, como aconteceu durante o período neoliberal.

Um quarto componente histórico conquistado nesses 14 anos é a construção, difícil mas ascendente, de um novo corpo de ideias, de um novo senso comum mobilizador. Não esqueçamos, companheiros, que a política é fundamentalmente a luta pela direção das ideias mobilizadoras de uma sociedade. Todo revolucionário luta pelo poder do Estado, que é metade matéria e metade ideia. Todo Estado, o conservador e o revolucionário, o que está estabelecido e o que está em transição, é matéria, é instituição, é organização, é correlação de forças, mas também é ideia, é senso comum, é força mobilizadora no âmbito da ideologia.

Os povos não lutam só porque sofrem, os povos lutam e estão dispostos a entregar a vida porque sabem e porque acreditam que há uma esperança de acabar com o sofrimento. E quando a esquerda, nesses 14 anos, foi capaz de criar uma esperança, uma possibilidade de vitória, uma possibilidade de transformação da vida cotidiana, e conseguiu fazê-lo na mente e no coração, a partir desse momento, transformou essa força da ideia em força eleitoral, a força eleitoral em força estatal, a força estatal em força econômica.

Quais são os componentes dessas ideias-força que estão se reconstruindo e expandindo no continente de uma forma renovada nesta última década? Primeiro, a pluralidade de identidades. Aprendemos a compreender que as identidades coletivas não são rígidas, tendem a ser mais flexíveis. Há um novo movimento de trabalhadores que não é mais o movimento de trabalhadores que os nossos pais ou avós conheceram, de grande fábrica, de grande indústria, do sindicalizado e a hierarquia estabelecida. Surgiu um novo movimento de trabalhadores, fragmentado, disperso, majoritário e jovem, mas que tem uma estrutura mais difusa e a habilidade dos partidos deve ser a de entroncar, gerar espaços de articulação desse novo movimento de trabalhadores, mais fragmentado, porém mais forte, mais numeroso que antes.

O surgimento da identidade indígena-camponesa como força transformadora de nossos países. Na Bolívia, o movimento indígena-camponês é o eixo articulador do popular. Foi em torno da questão indígena-camponesa que os meios sindical, fabril, vicinal, estudantil, os intelectuais, os profissionais, encontraram o centro para articular expectativas, demandas e criar uma frente única contra a direita e os setores neoliberais.

A juventude e as formas complexas de organização urbana, citadina, diante das quais os partidos de esquerda devem ter a abertura e a habilidade de somar forças, de compreender suas necessidades e criar espaços de libertação, de participação e de mobilização, ao redor dos eixos centrais do movimento sindical e indígena-camponês.

Um segundo elemento dessas novas ideias-força é conformado, não restam dúvidas, pelo anti-imperialismo e pelo anticolonialismo. O anti-imperialismo não deve ser entendido como um

rechaço ao povo norte-americano; nunca se rechaçam os povos. Falamos do anti-imperialismo entendido como rechaço e resistência às estruturas de dominação de outros países – EUA e Europa – com relação a nossas decisões. A América Latina é para nós; nós sabemos o que fazer como o nosso continente e não precisa vir ninguém nos dizer ou nos dar lições de como produzir melhor ou pensar melhor.

(APLAUSOS)

O anti-imperialismo é o reconhecimento de nossas próprias forças e é o amor à ideia de sermos nós mesmos quem defina nossos destinos. O anti-imperialismo é autodeterminação, é a capacidade dos povos de dar a si mesmos seu destino, sem patrões, sem reis, sem hierarcas; isso é o anti-imperialismo.

Também nesses últimos 15 anos surgiu o pluralismo socialista, em alguns partidos e países com maior intensidade, em outros com menor intensidade; e cada um entendendo-o a seu modo. Há uma reflexão coletiva do que significa o socialismo e de como ele deve ser; existe um pensamento socialista renovado e, no caso da Bolívia, é comunitarista, no que se refere à construção de uma sociedade que vá além não apenas do neoliberalismo, mas também do próprio capitalismo.

Por último, a quinta conquista é a renovação do internacionalismo e da expectativa de integração regional. A fundação da ALBA, da Unasul, da CELAC, são construções inéditas no nosso continente. Há 20 anos, há 30 anos, há 50 anos, criavam-se estruturas continentais, mas todas eram dirigidas, financiadas e administradas pelos EUA. Essas novas estruturas constituem as estruturas nas quais nós, latino-americanos, decidimos como começar a construir a nossa unidade. Não precisamos dos EUA para termos uma economia sólida, para sermos democráticos, para melhorarmos as condições de vida. A CELAC é isso.

A autorreflexão da América Latina, da necessidade de unificar suas forças para construir um Estado continental que seja plurinacional, com estruturas financeiras e tecnológicas que permitam passar da unificação político-ideológica para a integração econômica, material e tecnológica, é o grande desafio que nós, latino-americanos, temos neste Século XXI.

Estas são as cinco conquistas, mas agora restam cinco tarefas. Avançamos bastante até aqui, o mundo mudou, a América Latina mudou, mas nem o mundo nem a América Latina mudaram o suficiente, e o objetivo é que ambos se transformem de maneira mais radical. A partir da nossa experiência na Bolívia, consideramos que nós, revolucionários, organizadores sociais, sindicatos, comunidades, governos progressistas, governos revolucionários, temos ao menos cinco metas pela frente.

A primeira é defender e ampliar as conquistas alcançadas até hoje. Não é possível, e seria terrível para os processos de emancipação revolucionária que houvesse um retrocesso. É dever de cada revolucionário, de cada pessoa que pensa no seu país, na sua pátria, nos pobres, nos humildes, na unidade latino-americana, defender o alcançado até aqui. É insuficiente? Claro que é insuficiente! Mas não se conquista mais retrocedendo para as garras do neoliberalismo e da chantagem.

Se quisermos avançar, devemos proteger o que foi conquistado. Se uma revolução para, ela retrocede. Uma revolução, para se consolidar, deve obrigatoriamente se aprofundar. Para que isso aconteça, é preciso ampliar – de acordo com as necessidades e possibilidades de cada país, de cada governo, de cada Estado – os bens comuns, distribuir mais riqueza, expandir a soberania e, acima de tudo, irradiar essa força, essa ideologia, essa experiência para outros países do continente que ainda estão, infelizmente, sob as garras da intervenção imperial e sob a ideologia dos modelos neoliberais.

Uma segunda necessidade: ampliarmos as conquistas econômicas e estabilizar o modelo de desenvolvimento até aqui construído. Antes de sermos governo, o fundamental era termos projeto e capacidade de mobilização; mas quando se está no governo, o decisivo é melhorar a economia, manter e aprofundar o projeto e garantir capacidade de mobilização. As condições de luta de antes de sermos governo, em parte se modificam quando chegamos no governo, mas a mobilização deve ser permanente, pois essa é a garantia de qualquer resistência, vitória ou defesa contra a direita ou as forças conservadoras.

O projeto deve se retroalimentar constantemente, deve se enriquecer constantemente. Uma revolução é sempre um porvir, sempre deve oferecer à sociedade novos horizontes que mobilizem a alma, o espírito, a inteligência, o sacrifício. Mas o governo deve assumir uma terceira tarefa, a de garantir o crescimento econômico, que é garantir a melhora econômica, que é garantir o aumento da felicidade de cada uma das pessoas, especialmente dos mais fracos, dos mais necessitados, dos mais oprimidos, dos mais abandonados.

Toda revolução no mundo, desde os tempos de Marx, sempre apresentou uma qualidade, a de acontecer por ondas: nunca é um processo ininterrupto de ascensão social, mas sim um processo por ondas, ou seja, vai e vem, vai e vem, vai e vem. Na Bolívia foi assim: em 2000 tivemos a primeira onda, que foi a guerra pela água; nova onda em 2003, a guerra do gás; refluxo; nova onda em 2005, vitória eleitoral; refluxo; nova onda em 2008, Assembleia Constituinte e derrota política e militar da direita golpista. Toda revolução sempre acontece por ondas: o momento de ascensão social é o momento da comunidade heroica, mas também há o momento do sacrifício pleno, o momento de recuo e leve descenso social, o momento da satisfação das necessidades.

Todo revolucionário e todo partido revolucionário devem saber se movimentar em ambas as direções, em ambos os momentos, e logo virá um novo fluxo e um novo refluxo. E todo processo revolucionário e todo Estado revolucionário devem saber conduzir e administrar essas duas lógicas da ação coletiva. Uma revolução é também capacidade de gestão econômica. Nesse sentido, temos que compartilhar experiências entre nós, países da América Latina que temos governos revolucionários e progressistas, sobre o que dá para fazer e o que não dá para fazer em cada momento.

Esta é uma luta de fôlego que durará décadas e temos que estar preparados para os momentos de enfrentamento e de gestão, de irradiação ideológica e espiritual e para os momentos de satisfação de necessidades básicas.

A terceira tarefa que temos pela frente é a de reforçar as tendências comunitárias e socialistas da experiência cotidiana. Hoje vivemos um período de transição, que chamamos de pós-

neoliberalismo, mas ele por sua vez tem duas opções: a de se tornar a longo prazo um capitalismo mais humano, mais social, mais participativo, porém capitalismo; ou a de ser a ponte para uma sociedade pós-capitalista. Não será fácil nem será decidido de um dia para o outro; leva décadas para este pós-neoliberalismo se definir por um ou outro caminho.

Nós, revolucionários, não estamos aqui para administrar um bom capitalismo, mas sim para cavalgar através do capitalismo em direção à sua transformação e à sua negação, para chegar a uma sociedade socialista, comunitária.

São dois os elementos chave para esta potencialização das tendências socialistas e comunitaristas. O primeiro é ampliar a participação da sociedade na tomada de decisões. À medida que se amplia a participação da sociedade, através de mecanismos institucionais, de mecanismos organizativos e de mecanismos sociais, potencializa-se a tendência socialista pós-capitalista. O outro é avançarmos – e isso é a coisa mais difícil do mundo – em direção a projetos, a estruturas produtivas nas quais as pessoas produzam em comum e decidam sobre os lucros comuns, para o comum da sociedade. Assim estaremos construindo o socialismo.

À medida que começamos a fazer prevalecer a necessidade sobre o lucro, e à medida que mais pessoas participam da construção de redes produtivas, tecnológicas, associativas, não apenas para a política e para a demanda, mas sim para a produção de riqueza material, estamos potencializando a tendência socialista e comunitarista. No fundo, o destino da América Latina e do mundo se decide nesse âmbito: participação – produção, ou seja, participação cada vez mais democrática nas decisões estatais, na construção comunitária dos bens materiais, na produção a serviço de todos. Acho que essa é a melhor forma de resumir o conceito de Estado integral com o que Gramsci definia a construção do socialismo e do comunismo para o futuro.

Nossa quarta tarefa como revolucionários é a de desenvolver a capacidade de lidar com as tensões que emergem de um tipo de revolução originária de processos democráticos. Esse tipo de problema não poderia se apresentar no caso da revolução chinesa ou da revolução bolchevique, porque estas emergiram de guerras revolucionárias. Quando uma revolução triunfa a partir de processos democráticos, a coisa é mais difícil, mais dura, mais complicada, mas precisamos enfrentar o que vier. Uma das tensões nas que temos que saber cavalgar é a de aprender a construir hegemonia.

Hegemonia no sentido gramsciano não é abuso, é liderança, é direção moral, direção política, cultural, espiritual, sobre o resto das forças sociais. Uma revolução deve se ampliar permanentemente, irradiar para outros setores. Mas, atenção, porque no caso de irradiar demais, pode acabar debilitando o seu núcleo e perder a sua essência; e se, pelo contrário, ficar só concentrada no seu núcleo, termina isolada e ao seu redor podem surgir outras lideranças que atraiam as classes sociais em contraposição à revolução. Por isso, temos que saber medir, o tempo todo, o quanto consolidar o núcleo fundamental – operário, camponês, indígena, popular – e o quanto irradiar para os outros setores.

Não se esqueçam, sempre devemos somar Lênin com Gramsci: o adversário deve ser derrotado, isso é Lênin; o adversário deve ser incorporado, isso é Gramsci. Mas o adversário deve ser incorporado enquanto adversário derrotado, e não enquanto adversário organizado. Assim, há de se derrotar e incorporar.

Uma segunda tensão própria de um processo revolucionário é a que se estabelece entre Estado e movimentos sociais. Todo Estado tende a ser concentração de decisões, por isso é Estado; é preciso tomar decisões, executar. Já os movimentos sociais são desconcentração e democratização das decisões. Se eu me concentrar só no Estado, já não serei um revolucionário; serei eficiente, mas não haverá democracia participativa ou comunitária. Se eu só me concentrar na participação e na deliberação, perderei capacidade executiva, então o meu governo não terá resultados, e a nossa própria gente, com o tempo, demandará resultados; e então pode ser que a direita apareça como aquela que oferece resultados com eficiência e consiga dar uma guinada ideológica na sociedade.

Um governo revolucionário tem que cavalgar com duas rédeas: promover a ampliação da deliberação, da participação do movimento social e, ao mesmo tempo, ter capacidade executiva para tomar decisões e capacidade deliberativa para democratizar as instituições. Disso depende a condição e o destino revolucionários.

Por último, a terceira tensão revolucionária destes tempos é a que aparentemente confronta desenvolvimento e defesa da Mãe Terra. Temos essa experiência na Bolívia. A partir da força identitária cultural do movimento indígena, temos que gerar riqueza, satisfazer necessidades; para fazer isso, é preciso produzir, extrair gás e minérios, criar indústrias e, ao fazermos isso, afetamos a Mãe Terra.

Porém, se não afetarmos a Mãe Terra, se só fixarmos nosso objetivo em proteger a Mãe Terra, como vamos satisfazer as necessidades? Com que dinheiro vamos construir os hospitais, melhorar as escolas, melhorar a renda dos trabalhadores? É uma tensão. A habilidade de um governo revolucionário está em conseguir articular um objetivo a outro: produzir, mas ao mesmo tempo não afetar a estrutura do meio ambiente, não depredar; preservar a natureza, mas gerar espaços tecnológicos e administrativos para gerar riqueza.

Há países que querem que a América Latina se transforme num parque nacional da Europa ou dos Estados Unidos. Nós não vamos permitir!

(APLAUSOS)

Há pessoas que pretendem que nós, latino-americanos, vivamos como há 300 anos, enquanto eles têm carros, televisão, refrigeradores, internet, abundância de comida. Que um punhado de índios – como eles dizem – protejam as florestas para eles. Não, senhores! Nós vamos proteger as florestas, sim, mas para nós, não para eles, não para suas empresas!

(APLAUSOS)

Essa é uma tensão complicada, própria do processo revolucionário latino-americano, que, pouco a pouco, entra na agenda de outros processos revolucionários no mundo.

Para terminar, a quinta tarefa é avançar em processos de integração técnica e produtiva. Existe a vontade política: nossos presidentes se reúnem, bem como nossos parlamentares, as organizações sociais do continente – estamos aqui presentes! –, nossos sindicatos se reúnem. Colaboramos política e ideologicamente no âmbito dos governos: a Bolívia derrotou um golpe

fascista contra o presidente Evo com a colaboração da Unasul e da ALBA, que puseram freio à intentona golpista.

Mas estamos falhando na integração econômica, e essa é a base material de qualquer integração. Se demorarmos ou tivermos dificuldades na integração econômica, a integração continental mostrará limitações. Esse é o desafio: passar da integração política, ideológica, cultural a processos de integração econômica, material, tecnológica. Temos que fazer isso, pois nossa vida está em jogo nessa questão: nenhuma revolução, nenhum país da América Latina vai sair adiante sozinho. Ou saímos todos juntos, ou ninguém sai.

(APLAUSOS)

Meus irmãos e minhas irmãs, esta é nossa simples experiência, nossa experiência de um processo revolucionário dirigido por nosso presidente Evo e pelos movimentos sociais. Até aqui avançamos. Compartilhamos esta experiência e estas preocupações com o restante das organizações sociais irmãs do continente e do mundo. E também viemos aqui para ouvir, aprender das suas experiências, porque juntos teremos a capacidade de construir um novo mundo comunitário e socialista.

Muitíssimo obrigado.

(APLAUSOS)”

Discurso de Álvaro García, al XX Encuentro del Foro de São Paulo

“Hermanos y hermanas muy buenos días, un saludo cariñoso, respetuoso, fraterno, revolucionario, a cada una de las delegaciones de partidos políticos revolucionarios de izquierda progresista que se han hecho presentes, de nuestro continente, de Europa, de Asia, bienvenidos a esta patria de gente sencilla, luchadora, peleadora, insurgente y revolucionaria que se llama Bolivia, muchas gracias por su presencia acá.

Un saludo al grupo de trabajo que está aquí presente en la testera, quiero destacar la presencia de Mónica Valente, nuestra Secretaria Ejecutiva del Foro de São Paulo, compañero Jorge Machado, compañero Jacinto Suárez, compañero Rodrigo Cabezas, compañera Nidia Díaz, cada vez usted está más joven compañera Nidia.

A mi compañero Hugo Cabieses, a Fabián Solano, al representante del gobierno de China, a los embajadores, a la embajadora de Venezuela, de Ecuador, de Uruguay, de Argentina y a mis hermanos, a mi compañera Leo, se llama Leo no de nacimiento sino por la batalla, de leona, peleadora, aguerrida, un gusto estar a tu lado mi compañera Leo.

Mis compañeros ejecutivos de la COB, a mis compañeros petroleros, a mis compañeros interculturales, compañero Eber, a nuestras hermanas de las mujeres Interculturales, Santa Cruz, todo Bolivia que está aquí presente, Beni, La Paz, Cocha-bamba, Oruro, Potosí, Chuquisaca, Pando.

Permítanme inicialmente hacer llegar de manera muy cariñosa, el saludo de nuestro Presidente Evo, al 'campañero' Evo que tiene en el corazón al Foro de São Paulo y que manda un saludo muy cariñoso y fraterno a todas las delegaciones.

Hace 24 años, cuando dio a luz el Foro de São Paulo, el mundo que vivíamos era otro, se había derrumbado frente a nuestros ojos la Unión Soviética, se imponía y se consolidaba un imperio y una estructura imperial unipolar a la cabeza del poderío económico, ideológico y militar de EE.UU., eran los tiempos de Reagan y de Thatcher en el mundo, por los medios de comunicación, por las universidades, aún por los medios sindicales, se difundía una ideología planetaria, un modelo planetario llamado neoliberalismo que comenzaba a cabalgar por el continente y por el mundo de manera aparentemente triunfal.

Se hablaba entonces del llamado fin de la historia, se estaba acabando aparentemente la historia, no había más que hacer, había que apagar las luces y resignarse al imperio unipolar, al neoliberalismo, a las privatizaciones, al consenso de Washington. En nuestra América Latina las cosas tampoco eran fáciles, Cuba heroica, resistente, aislada y soportando el bloqueo criminal más terrible de la historia de la humanidad.

En Nicaragua perdíamos las elecciones, llorábamos ante la derrota, en El Salvador entrábamos a los procesos de paz y de acuerdos y en el resto de los países, desde el Río Bravo hasta la Patagonia en América Latina, se imponía el llamado modelo neoliberal, se privatizaba empresas, se entregaba recursos públicos acumulados durante décadas a inversionistas privados extranjeros que llegaban a nuestros países, desembarcaban como en tiempos de Colón para apropiarse de todo.

Han pasado 24 años y no cabe duda que hoy el mundo es muy distinto a cuando dio lugar el Foro de São Paulo, ha cambiado; las cosas y la estructura, las deliberaciones y las luchas que desde entonces se impulsaron, se deliberaron, se propusieron no han sido en vano. Hoy estamos asistiendo a 24 años del nacimiento del Foro, a una lenta pero irreversible decadencia del 'hegemón norteamericano', EE.UU. no es más la potencia imperial dirigente del mundo, sigue dominando, pero tiene que hacerlo usando sus cañoneras, sus tropas especiales, su intervencionismo brutal en cada una de las regiones.

China y Europa van quitándole el liderazgo económico, no hablamos todavía de un mundo multipolar, pero está claro que el 'hegemón' exclusivo, omnipotente y omnipresente de EE.UU., hoy ya no es más, sigue siendo dominante en base a la fuerza pero ya no en base al liderazgo, a la convocatoria y a su poderío irrefutable a nivel económico. Hay una especie de proliferación de micro poderes regionales en el mundo y en América Latina, como nunca antes había pasado en la historia de nuestras formaciones nacionales, estamos asistiendo al surgimiento, a la proliferación de gobiernos progresistas y revolucionarios en el continente.

En poco menos de 15 años, el neoliberalismo con sus secuelas de privatización, de desconocimiento de derechos laborales, de entrega de recursos públicos a extranjeros, de sometimiento a los organismos financieros del consenso de Washington, Banco Mundial, Fondo Monetario en América Latina, como nunca eso se viene desmontando.

Hoy podemos decir que en América Latina ha surgido de manera genérica un modelo post neoliberal, hablar de neoliberalismo en América Latina cada vez se asemeja a hablar de un arcaísmo, es casi como hablar del parque jurásico. Hace 15 años neoliberalismo era la biblia, hoy el neoliberalismo es un arcaísmo que lo estamos botando al basurero de la historia, de donde nunca debía haber salido.

El mundo es otro, el mundo es otro, la historia continúa, la ideología y el falso macro relato del fin de la historia se ha derrumbado ante la emergencia de luchas, de proyectos, de insurgencias que se han expandido a lo largo en todo el continente.

Quiero mencionar a raíz de estos sucesos cinco conquistas y cinco tareas para preservar, para profundizar los procesos revolucionarios no sólo en el continente latinoamericano sino de Europa, Asia, África, en general del mundo.

La primera lección y el primer logro que quisiera mencionar de esta insurgencia latinoamericana, la democracia como método revolucionario, hasta antes habíamos asumido la democracia como una sospechosa etapa previa a la revolución y nos habíamos preparado para ello y las circunstancias de dictadura y de dominación colonial habían creado las condiciones para esa visualización de la democracia, meramente como una etapa previa de un proceso superior llamado revolución.

Lo que América Latina había mostrado en estos 15 años, en estos últimos 10 años, es que no, es que la democracia se está convirtiendo y es posible convertirla en el medio y en el espacio cultural de la mismísima revolución, lo que en Bolivia llamamos la revolución democrática.

Esto es la conversión de las facultades de ciudadanía, de los derechos de pensamiento, de asociación, de organización, de movilización, en una textura y en una red que han permitido a la totalidad de los gobiernos revolucionarios y progresistas de América Latina acceder al poder. Pero tampoco esta conversión de la democracia como método revolucionario, ha venido con una mera apropiación de la mirada mutilada, fragmentada de la democracia de los gobiernos conservadores y neoliberales, lo que ha sucedido en América Latina es una apropiación social de la democracia, como el espacio propicio para la hegemonía, la hegemonía entendida en el sentido 'Gramsciano' del liderazgo intelectual, de liderazgo cultural, de liderazgo intelectual, de liderazgo ideológico, de liderazgo político.

Lo que ha sucedido en América Latina es que a partir de las luchas sociales, de la emergencia de las luchas sociales urbanas y rurales, obreras y campesinas, indígenas y juveniles, populares, la democracia ha ido transformado y enriqueciendo su contenido, atrás hemos dejado las democracias fósiles, las del ritual de la elección cada cuatro o cinco años y en nuestros países, donde han triunfado los gobiernos revolucionarios, ha habido una transformación y enriquecimiento de la democracia entendida como participación, entendida como radicalización, entendida como comunidad, aquí le llamamos democracia comunitaria, democracia participativa y cada país tiene su propio lenguaje.

Lo importante es de que frente a las democracias fósiles, donde se atrincheraban las fuerzas conservadoras, es la misma sociedad en movimiento que ha recreado, reconstruido, reinventado y profundizado la democracia, como participación, la democracia como

construcción de identidad colectiva, la democracia como lugar de toma de decisiones cada vez más socializada, cada vez más comunitarizada.

Esta es la primera lección, la democracia como método revolucionario, no simplemente como etapa a la revolución.

Una segunda conquista de estos 10 años, de estos 14, 15 años de lucha revolucionaria, es la concepción de la gobernabilidad y la legitimidad a partir de un contenido dual. Hoy las sociedades latinoamericanas y los gobiernos revolucionarios, han conseguido su estabilidad y su gobernabilidad no apegándose únicamente a los mecanismos de la victoria electoral y de los mecanismos institucionales del Parlamento, del Ejecutivo y de sus instituciones, sino que el otro componente fundamental de la gobernabilidad revolucionaria, de la legitimidad revolucionaria, es la presencia popular y la movilización social en la calles.

No me equivoco al decir que las victorias de la izquierda latinoamericana, son fruto de procesos de movilización en el ámbito cultural e ideológico, pero también en el ámbito social y organizativo. El caso de Bolivia es eso, no se podría entender la victoria de nuestro Presidente Evo sin las luchas, sin la guerra del agua, sin la guerra de la coca, sin la guerra del gas, sin las movilizaciones populares, que fueron creando un tejido denso de participación, de movilización social, que garantizó no solamente la victoria electoral, sino también la estabilidad del gobierno revolucionario y la capacidad social para enfrentar las intenciones golpistas, las conspiraciones de derecha que se han sucedido a lo largo de los últimos años.

Tenemos entonces que la conquista del poder en nuestros países, puede ser vista como una prolongación electoral de la capacidad de movilización y de resistencia colectiva, la legitimidad de nuestros países viene entonces por victoria electoral pero también, por movilización permanente y acción colectiva de los distintos movimientos sociales. En Bolivia le llamamos y eso se ha traducido en la existencia de un gobierno de movimientos sociales.

Hoy en Bolivia más que un partido, más que el MAS y aquí quiero citar la hermosa frase del compañero Damián Condori de la CSUTCB que decía 'Nosotros como Confederación Campesina no somos del MAS, el MAS es nuestra criatura, es nuestro hijo', y en ese sentido controlan la dirección, el comando y las líneas estratégicas del partido.

Este es un aporte continental, la organización social, las estructuras sociales diversas como fuerza y como bloque de poder que se traduce electoralmente en partidos políticos, en organizaciones políticas que entran a la victoria electoral en las elecciones.

El tercer logro de estos 14 años, el 'desmontamiento' del neoliberalismo, aún vemos con pena cómo en países de Europa prevalece todavía esta ideología y este mecanismo de succionamiento de las capacidades humanas, para depositarla en un puñado de manos privadas y cuando vemos las decisiones que se toman en Grecia, en Italia, en España o en Francia, uno ya conoce el libreto, porque lo vivimos aquí hace 10 o hace 20 años; empobrecimiento de los trabajadores, debilitamiento del Estado, enriquecimiento de unas cuantas empresas, pérdida de derechos, eso que aún todavía no ha acabado en algunos países y algunas regiones del mundo, en América Latina lo venimos desmontando.

¿Qué ha significado el 'desmontamiento' del modelo neoliberal y la entrada en lo que se ha denominado el post neoliberalismo? En primer lugar, la recuperación de empresas estratégicas, aquellas empresas del Estado en las que se genera el excedente económico, porque si una revolución no tiene excedente económico cómo va a lograr consolidar su liderazgo y su estabilidad en medio de la carencia, es imprescindible..., es imprescindible, se juega la vida una revolución y un proceso revolucionario, en contar con un excedente económico capaz de generar procesos de distribución.

El 'desmontamiento' del neoliberalismo en Bolivia y en América Latina, ha significado la recuperación de empresas estratégicas para que las controle el Estado. En segundo lugar, la ampliación de los bienes comunes, la ampliación de los recursos que pertenecen a todos y no a unos cuantos. En tercer lugar, la continua redistribución de la riqueza, si el Estado ha de concentrar los excedentes fundamentales de un país no es para generar un nuevo empresariado, sino para redistribuirlos en el conjunto de los sectores más excluidos.

Reconstitución y ampliación de los derechos laborales, desconocidos en tiempos neoliberales. Los procesos post neoliberales en América Latina no han significado procesos de autarquía y de alejamiento de los circuitos de la economía mundial, la diferencia es que ahora la inserción en los circuitos de la economía regional y mundial, se la hace de manera selectiva y en función de las necesidades de cada país y no de las necesidades de una empresa, como sucedió en los tiempos del neoliberalismo.

Un cuarto componente histórico conquistado en estos 14 años, es la construcción dificultosa pero ascendente de un nuevo cuerpo de ideas, de un nuevo sentido común movilizador, no olvidemos compañeros que la política es fundamentalmente la lucha por la dirección de las ideas dirigentes, de las ideas movilizadoras de una sociedad y el Estado y todo revolucionario lucha por el poder del Estado, es mitad materia y mitad idea. Todo Estado, el conservador y el revolucionario, el que está establecido y el que está en transición, es materia, es institución, es organización, es correlación de las fuerzas pero también es idea, es sentido común, es fuerza movilizadora en el ámbito de la ideología.

Los pueblos no solamente luchan porque sufren, los pueblos luchan y están dispuestos a entregar la vida, porque saben y porque creen que hay una esperanza de acabar con el sufrimiento. Y cuando la izquierda en estos 14 años ha sido capaz de crear una esperanza, una posibilidad de victoria, una posibilidad de formación de la vida cotidiana lo ha logrado en la mente y en el corazón y a partir de ese momento, ha convertido esa fuerza en la idea en fuerza electoral, la fuerza electoral en fuerza estatal, la fuerza estatal en fuerza económica.

¿Cuáles son los componentes de estas ideas fuerza que se están reconstruyendo y expandiendo en el continente de una manera renovada en esta última década? Primero, la pluralidad de identidades; hemos aprendido a comprender que las identidades colectivas no son rígidas, tienden a ser más flexibles, hay un nuevo movimiento obrero que no es el movimiento obrero que conocieron nuestros padres, nuestro abuelos, de gran fábrica, de gran industria, del sindicalizado y la jerarquía establecida, ha surgido un nuevo movimiento obrero, fragmentado, disperso, mayoritario y joven, pero que tiene una estructura más difusa y la habilidad de los partidos políticos tienen que ser cómo entroncar, cómo habilitar espacios de

articulación de este nuevo movimiento obrero más fragmentado materialmente pero más fuerte, más numeroso que antes.

El surgimiento de la identidad indígena campesina como fuerza transformadora de nuestros países. En Bolivia el movimiento indígena campesino es el eje articulador de lo popular, ha sido en torno a lo indígena campesino que el obrero, que el fabril, que lo vecinal, que lo estudiantil, que los intelectuales, que los profesionales, han encontrado el centro para articular expectativas, demandas y crear un frente único frente a la derecha y los sectores neoliberales.

La juventud y formas complejas de organización urbana, citadina, frente a las cuales los partidos de izquierda tienen que tener la apertura y la habilidad de sumar fuerzas, de comprender sus necesidades y crear espacios de liberación, de participación y de movilización, en torno a los ejes nucleares del movimiento obrero e indígena campesino.

Un segundo elemento de estas nuevas ideas fuerza, no cabe duda, es el antiimperialismo y el anticolonialismo. El antiimperialismo entendido no como un rechazo al pueblo norteamericano, nunca se rechaza a los pueblos, el antiimperialismo entendido como un rechazo y resistencia a las estructuras de dominación de otros, países, de EEUU o Europa, respecto a nuestras decisiones, América Latina es para nosotros, nosotros sabremos qué hacer con nuestro continente y no tiene que venir nadie a decirnos ni a darnos lecciones de cómo producir mejor o pensar mejor. El antiimperialismo es el reconocimiento de nuestras propias fuerzas y es el amor a que seamos nosotros los que definamos nuestros destinos, el antiimperialismo es autodeterminación, la capacidad de los pueblos de darse su destino, sin patrones, sin reyes y sin jerarcas, eso es el antiimperialismo.

También en estos últimos 15 años surgió lo que es el pluralismo socialista, en unos partidos, unos países, con mayor intensidad, en otros con menor intensidad, unos entendiendo a su modo, otros entendiendo de otro modo, hay una reflexión colectiva de lo que tiene que ser y de lo que significa el socialismo, hay un pensamiento renovado, socialista y en el caso de Bolivia, comunitarista, respecto a la construcción de una sociedad que vaya más allá no sólo del neoliberalismo, sino también del propio capitalismo.

Por último, un quinto logro es un renovado internacionalismo y expectativa de integración regional. La fundación del ALBA, de UNASUR, del CELAC, son construcciones inéditas en la historia de nuestro continente, hace 20 años, hace 30, hace 50, se creaban estructuras continentales, pero todas eran dirigidas, financiadas y administradas por EE.UU., estas nuevas estructuras, se constituyen en estructuras en las que los latinoamericanos decidimos cómo comenzar a construir nuestra unidad, no necesitamos a EE.UU. para tener una economía sólida, para ser democráticos, tener crecimiento, y para mejorar las condiciones de vida, el CELAC es eso.

La autorreflexión de América Latina, de la necesidad de unificar sus fuerzas, para construir un estado continental que será plurinacional, con estructuras financieras y tecnológicas que permitan pasar de la unificación política ideológica a la integración económica, material y tecnológica, que es el gran reto que tenemos los latinoamericanos en este Siglo XXI.

Estos son los cinco logros, pero ahora quedan cinco tareas; hemos avanzado bastante aquí, el mundo ha cambiado, Latinoamérica ha cambiado, pero ni el mundo ni Latinoamérica han cambiado lo suficiente y el objetivo es que se transformen de manera más radical. Desde nuestra experiencia en Bolivia, consideramos que los revolucionarios, las organizaciones sociales, los sindicatos, las comunidades, los gobierno progresistas, los gobiernos revolucionarios, tenemos al menos cinco metas para adelante.

La primera es defender y ampliar los logros obtenidos hasta hoy, no es posible, y sería terrible para los procesos de emancipación revolucionaria que se diera un retroceso, es deber de cada revolucionario, de cada persona que piensa en su país, en su patria, en los pobres, en los humildes, en la unidad latinoamericana, defender lo avanzado hasta aquí, ¿qué es insuficiente?, claro que es insuficiente lo que se avanzó, pero no se conquista más logros retrocediendo a las garras del neoliberalismo y el chantaje.

Si queremos avanzar hay que preservar lo conseguido, una revolución si se detiene, retrocede, una revolución para consolidarse tiene obligatoriamente que profundizarse, para ello requerimos ampliar, en función de las necesidades y posibilidades de cada país, cada Gobierno, cada Estado, ampliar hoy los bienes comunes, distribuir más riqueza, expandir la soberanía y ante todo irradiar esta fuerza, esta idolología, esta experiencia a otros países del continente que aún están, lamentablemente, bajo las garras de la intervención imperial y bajo la ideología de los modelos neoliberales.

Una segunda necesidad, necesitamos ampliar los logros económicos y estabilizar el modelo de desarrollo hasta aquí conquistado. Antes de ser Gobierno, lo fundamental era tener proyecto y capacidad de movilización, cuando se está en Gobierno lo decisivo es mejorar la economía, mantener y profundizar el proyecto y garantizar capacidad de movilización. Las condiciones de lucha antes de ser Gobierno, en parte se modifican cuando uno es Gobierno, la movilización tiene que ser perpetua, esa es la garantía de cualquier resistencia, victoria o defensa frente a la derecha o las fuerzas conservadoras.

El proyecto tiene que retroalimentarse permanentemente, tiene que permanentemente enriquecerse, una revolución siempre es un porvenir, siempre tiene que haber ante la sociedad y con la sociedad nuevos horizontes que movilicen el alma, el espíritu, la inteligencia, el sacrificio de una sociedad, pero en Gobierno se suma una tercera tarea, que es la de garantizar crecimiento económico, que es garantizar mejora económica, garantizar aumento de la felicidad de cada una de las personas, especialmente de los más débiles, los más necesitados, más oprimidos, más abandonados.

Toda revolución en el mundo, desde los tiempos de Marx, siempre tuvo una cualidad, siempre es por oleada, nunca es un proceso ininterrumpido de ascenso social, es por oleadas, va y viene, va y viene, va y viene, en Bolivia sucedió eso, el 2000 la primera oleada, la guerra por el agua, nueva oleada el 2003, guerra del gas, reflujó, nueva oleada 2005, victoria electoral, reflujó, nueva oleada 2008, Asamblea Constituyente y derrota política y militar de la derecha golpista. Toda revolución siempre es por oleada, el momento del ascenso social, es el momento de la comunidad heroica, el momento del sacrificio pleno, del repliegue y leve descenso social, el momento de la satisfacción de las necesidades.

Todo revolucionario y todo partido revolucionario tiene que saberse mover en ambas direcciones, en ambos momentos, y luego vendrá un nuevo flujo y un nuevo reflujo, y todo proceso revolucionario y todo estado revolucionario, tiene que saber conducir y administrar esas dos lógicas de la acción colectiva.

Una revolución es también capacidad de gestión económica, tenemos que compartir las experiencias entre nuestros países, hay gobiernos revolucionarios y progresistas en Latinoamérica y tenemos que compartir los logros, que se puede hacer, que no se puede hacer.

Esta es una lucha de largo aliento que durará décadas y hay que estar preparados para los momentos de enfrentamiento y de gestión, de irradiación ideológica y espiritual y para los momentos de satisfacción de necesidades básicas.

La tercera tarea que tenemos, es reforzar las tendencias comunitarias y socialistas de la experiencia cotidiana; hoy estamos en un periodo de transición, lo llamamos post neoliberalismo, pero tiene a su vez dos opciones, a la larga convertirse en un capitalismo más humano, más social, más participativo, pero capitalismo al fin, o ser el post neoliberalismo, el puente hacia una sociedad post capitalista. No será fácil y no se decidirá en un día y una lección, serán décadas para que este post neoliberal se defina si se convierte en uno o en otro.

Los revolucionarios estamos aquí, no para administrar un buen capitalismo, sino para cabalgar el capitalismo en la transformación y negación hacia una sociedad socialista, comunitaria.

Dos son los elementos claves para este fortalecimiento de las tendencias socialistas, comunitaristas, ampliar la participación de la sociedad en la toma de decisiones. En la medida en la que se amplía la participación de la sociedad, a partir de mecanismos institucionales, a partir de mecanismos organizativos y mecanismos sociales, estamos potenciando la tendencia socialista post capitalista; igualmente a medida que avanzamos, y esto es lo más difícil del mundo, hacia proyectos, hacia estructuras productivas, donde la gente produce en común y decide sobre esas ganancias comunes, para el común de la sociedad, estamos construyendo socialismo.

En la medida que comenzamos hacer prevalecer la necesidad por encima de la ganancia, en la medida que más personas participan en la construcción de redes productivas, tecnológicas, asociativas, no sólo para la política y la demanda, sino para producir riqueza material, estamos potenciando la tendencia socialista y comunitarista, en el fondo, el destino de América Latina y el mundo se decide en este ámbito, participación, producción; participación cada vez más democrática en las decisiones estatales, en la construcción más comunitaria de bienes materiales, de producción al servicio de todos, creo que ahí se resume el concepto de estado integral, con el que Gramsci definía la construcción del socialismo y comunismo hacia el futuro.

La cuarta tarea que tenemos los revolucionarios, es tener la capacidad de remontar las tensiones que emergen de un tipo de revolución emergente de procesos democráticos, este tipo de problemas no podían presentarse en el caso de la revolución china, revolución bolchevique, porque emergieron de guerras revolucionarias, cuando una revolución triunfa de procesos democráticos, la cosa es más difícil, más dura, más complicada, pero hay que

afrontar lo que viene, una de las tensiones que tenemos que saber cabalgar, es como se construye hegemonía.

Hegemonía en el sentido “gramsciano” no es el abuso, es liderazgo, es dirección moral, dirección política, cultural, espiritual, sobre el resto de las fuerzas sociales, una revolución tiene que permanentemente ampliarse, irradiarse a otros sectores, pero si se irradia demasiado, se debilita el núcleo y pierde su esencia, pero si se concentra en su núcleo queda aislado y entonces en sus alrededores pueden surgir otros liderazgos que atraigan a las clases sociales en contraposición a la revolución, entonces uno tiene que saber medir permanentemente entre consolidar el núcleo fundamental, obrero, campesino, indígena, popular y saber irradiarse a los otros sectores.

No olviden, siempre hay que sumar a Lenin con Gramsci, al adversario hay que derrotarlo, eso es Lenin, Gramsci, al adversario hay que incorporarlo, pero no se incorpora al adversario, en tanto adversario organizado, sino en tanto adversario derrotado, es derrotar e incorporar, derrotar e incorporar.

Una segunda tensión propia de un proceso revolucionario, Estado y movimientos sociales, todo Estado tiende a ser concentración de decisiones, por eso es Estado, hay que tomar decisiones, ejecutar, y todo movimiento social es desconcentración y democratización de decisiones, si me concentro sólo en el Estado ya no soy un Estado revolucionario, soy eficiente, pero ya no hay democracia participativa ni comunitaria; si sólo me concentro en la participación y deliberación y pierdo la capacidad ejecutiva, entonces ese Gobierno no tendrá resultados y nuestra propia gente con el tiempo, demandará resultados y la derecha puede aparecer ahí, como la que sí ofrece resultados con eficiencia y darse un giro ideológico en la sociedad.

Un gobierno revolucionario tiene que cabalgar las dos cosas, tiene que cabalgar la ampliación de deliberación, de participación, del movimiento social y tener capacidad ejecutiva para tomar decisiones y capacidad deliberativa para democratizar las decisiones, ahí se juega su condición y destino revolucionario.

Por último, la tercera tensión revolucionaria de estos tiempos es la que aparentemente confronta, desarrollo y defensa de la Madre Tierra, es nuestra experiencia en Bolivia, a partir de la fuerza ‘identitaria’ cultural del movimiento indígena, hay que generar riqueza, satisfacer necesidades, para hacer eso hay que producir, hay que sacar gas, minerales, crear industrias y al hacer eso, afectamos a la Madre Tierra.

Pero si no afectamos la Madre Tierra y sólo nos fijamos en preservar la Madre Tierra ¿con qué vamos a satisfacer las necesidades?, con qué dinero vamos a construir los hospitales, mejorar escuelas, mejorar los ingresos de los obreros, es una tensión, y la habilidad de un gobierno revolucionario y donde se define como revolucionario, está en la capacidad de articular uno y el otro, producir, pero a la vez no afectar la estructura del medio ambiente ni depredadora, preservar la naturaleza, pero generar espacios tecnológicos y administrativos para preservar la riqueza.

Hay países que quieren que Latino América se convierta en un parque nacional de Europa o EE.UU., no lo vamos a permitir.

Hay gente que quiere que los latinoamericanos vivamos como hace 300 años atrás, mientras ellos tienen carros, televisión, refrigeradores, internet, no les falta la comida, que unos cuantos indios, como dicen ellos, protejan los bosques para ellos, no señores, los bosques los vamos a proteger, pero para nosotros no para ellos, no para sus empresas.

Esta es una tensión complicada propia del proceso revolucionario latinoamericano y que poco a poco se convierte en agenda de otros procesos revolucionarios en el mundo.

Por último, la quinta tarea es avanzar en procesos de integración técnica productiva, hay voluntad, nos reunimos los presidentes, los assembleístas, las organizaciones sociales del continente, estamos aquí presentes, se reúnen anteriormente los sindicatos, nos colaboramos política e ideológicamente entre gobiernos, Bolivia derrotó un golpe fascista contra el Presidente Evo en colaboración de UNASUR y el ALBA que puso un freno internacional contra la intentona golpista contra nuestro Presidente Evo.

Pero estamos fallando en la integración económica y esta es la base material de cualquier integración, en tanto tardemos y tengamos dificultades en la integración económica, la integración continental mostrará limitaciones y este es el reto, pasar de la integración política, ideológica, cultural a procesos de integración económica, material y tecnológica; tenemos que hacerlo, ahí nos estamos jugando la vida, ninguna revolución ni ningún país de América Latina va a salir solo adelante, o salimos todos juntos o no sale nadie.

Hermanos y hermanas, esta es nuestra experiencia sencilla, es nuestra experiencia de un proceso revolucionario dirigido por nuestro Presidente Evo y los movimientos sociales, hasta ahí hemos avanzado, depositamos esa experiencia, estas preocupaciones para el resto de las organizaciones sociales hermanas del continente y del mundo y también venimos aquí a oír, a aprender de sus experiencias, porque juntos tendremos la capacidad de construir un nuevo mundo comunitario y socialista.

Muchísimas gracias.”

Discurso del Dr. José Ramón Balaguer, en la clausura del XX Encuentro del FSP

Discurso del Dr. José Ramón Balaguer, Jefe del Departamento de Relaciones Internacionales y Miembro del Secretariado del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, en la clausura del XX Encuentro

“Estimado compañero David Choquehuanca, Ministro de Relaciones Exteriores del Estado Plurinacional de Bolivia.

Compañeros delegados y delegadas que participan en este XX Encuentro del Foro de São Paulo, que se desarrolla en el hermano Estado Plurinacional de Bolivia.

Asistimos a una época que para Latinoamérica y El Caribe avizora grandes responsabilidades. Nuestra región puede mostrar una asombrosa diversidad de procesos nacionalistas, progresistas y socialistas, cada uno a su manera, sin imitar a nadie, sino respondiendo a las aspiraciones y la voluntad de cada pueblo.

Estamos recuperando el control de los sectores estratégicos en beneficio de la población para garantizar más salud, más educación y mejor redistribución de la riqueza. Queremos construir en paz una sociedad verdaderamente humanista, democrática e inclusiva.

Sin embargo, el mundo es testigo de la arremetida del gran capital trasnacional, sobre todo financiero, que desesperadamente busca ampliar sus formas de dominación mediante la expansión de los tratados de libre comercio global, mientras que se estimula una absurda economía especulativa, transgrediéndose la soberanía de los países e intentando legalizarse la injerencia y el uso impune de la fuerza.

En el caso de nuestra región, es cada vez más claro que los Estados Unidos pretende frenar los procesos de cambios progresistas y la genuina integración latinoamericana y caribeña.

La contraofensiva del imperialismo y las derechas, que ya denunciarnos en reuniones anteriores del Foro de São Paulo, ha seguido desarrollándose con fuerza.

Denunciamos que estas políticas han asumido métodos de guerra no convencional, término acuñado por el Departamento de Defensa norteamericano y que alude a la conjugación de tácticas de subversión política e ideológica con acciones de guerra y acoso económico, desestabilización, violencia y, si las condiciones lo sugieren, incluso a una intervención militar externa.

La historia demuestra que aunque difícil, estas estrategias pueden ser enfrentadas y derrotadas. Pensamos que para ello debemos tener en cuenta al menos tres factores.

En primer lugar, que las fuerzas políticas y sociales que sostienen y conducen los procesos progresistas y de izquierda, o se proponen impulsarlo en sus países, encuentren con urgencia las fórmulas unitarias indispensable; para ello debe definirse un programa político que, reconociendo las diferencias, priorice los objetivos comunes.

En segundo lugar, la izquierda latinoamericana y caribeña necesita aumentar y sistematizar los canales de cooperación, siendo el Foro de São Paulo el espacio más maduro, donde más se ha avanzado para lograr estos indispensables propósitos, sin restarle méritos a otros esfuerzos de coordinación. Reiteramos nuestra voluntad de seguir fortaleciendo este espacio de diálogo político.

En tercer lugar y no por ello menos relevante, es indispensable que se sigan consolidando los procesos de concertación política y de integración entre nuestros estados sin la injerencia norteamericana, tal los casos de la CELAC, la UNASUR, el ALBA y CARICOM, entre otros, más allá de la diversidad de regímenes políticos y evidentes enfoques ideológicos diferentes.

Evocamos en este sentido las palabras pronunciadas por el presidente de nuestro país, compañero Raúl, en la pasada cumbre de la CELAC, celebrada en la Habana “Debe ser prioridad la creación de un espacio político común en el que avancemos hacia el logro de la paz y el respeto entre nuestras naciones... en el que podamos utilizar los recursos de manera soberana y para el bienestar común... en el que hagamos valer principios irrenunciables como la autodeterminación, la soberanía y la igualdad soberana de los Estados”.

Compañeras y compañeros:

Son tiempos de solidaridad con los procesos de cambio, progresistas y de izquierda que enfrentan el acoso imperial, no olvidar que nuestros enemigos principales son las transnacionales y el gran capital financiero especulativo arriba mencionado. También necesitan nuestra solidaridad aquellas fuerzas políticas y sociales que enfrentan gobiernos de derecha e intentan en sus países desarrollar sus propios proyectos transformadores.

Como una modesta contribución a ello, Cuba ha elegido seguir construyendo y perfeccionando su socialismo, próspero y sostenible desde nuestro punto de vista, la única alternativa al capitalismo en su actual fase neoliberal.

Compañeras y compañeros:

El país que ahora nos acoge en este XX Encuentro se ha erigido en ejemplo para toda la región. Su valeroso pueblo se ha convertido en protagonista de un proceso de cambios profundos, colocando a Bolivia en los primeros puestos de la región en materia de recuperación de sus recursos naturales, redistribución de la riqueza y antiimperialismo.

El proceso de cambio en Bolivia constituye una verdadera Revolución Democrática y Cultural que ha desterrado 500 años de colonialismo, y es considerada como la más profunda de su historia.

Con el liderazgo del presidente Evo Morales ha surgido un gobierno de los movimientos sociales, a través de los cuales el pueblo boliviano derrotó al neoliberalismo, recuperó la soberanía sobre sus recursos naturales, redistribuye su riqueza y mejora las condiciones de vida de los sectores populares y trabajadores, asumiendo abiertas y claras posturas antiimperialistas e iniciando con ello un cambio de época en Bolivia.

Durante su intervención en la inauguración de este encuentro, el Vicepresidente García Linera nos hizo reflexionar sobre la necesidad de ubicarnos en el momento histórico que vive América Latina, los grandes desafíos que enfrentan nuestros proyectos de izquierda y las fuerzas que los conducen, pero también las grandes esperanzas que albergan nuestros pueblos al conocer que sus luchas no han sido en vano y se han expandido por todo el continente.

Cuba por tanto aprovecha la oportunidad para reiterar su política solidaria y de cooperación con el gobierno y el pueblo boliviano, con sus organizaciones sociales y fuerzas políticas que conducen y apoyan los cambios y con el liderazgo del compañero Evo Morales Ayma.

Finalmente, compartir nuestra decisión de continuar enfrentando los nuevos retos con la misma convicción e inmovible fe en la victoria que nos ha inculcado siempre el Jefe de la Revolución Cubana, el compañero Fidel.

¡Hasta la Victoria siempre!

Muchas gracias.”